



- 
- entrevista
  - Diário de Lisboa, p. 4-5
  - jornalista : Lourdes Fêria

---

24 Fev. 1982

**MARIA DE LOURDES PINTASILGO**

**PRIMEIRA MINISTRA**

Fundação Cuidar o Futuro

# Diário de Lisboa

Fundador Joaquim Manso

Director A. Ruella Ramos

Director-adjunto Fernando Piteira Santos



ANO 51 N.º 20 785  
Fevereiro 1982  
Quarta-feira

24

15\$00

*Lurdes Pintasilgo ao "DL":*

## Para mim a política é a dimensão da vida toda



Maria de Lourdes Pintasilgo, em entrevista, que é biográfica e perfil, revela-nos o que pensa do papel das mulheres, como motores da transformação das sociedades. Não desta ou daquela mas de todas, já que os males e as distorções são comuns a todas elas. Fala, a propósito do livro que escreveu «Novos Feminismos», recentemente publicado em língua portuguesa, depois de ter saído em França, nas recusas das mulheres e nas alternativas que elas apresentam.

Talvez seja utopia a sua palavra ou prematura mas contém, sem dúvida, anúncios de esperança com vista ao que pode ou deve ser o futuro.

Págs. 4 e 5

# “Não serve de nada falar chinês num grupo que não entende essa língua.”



entrevista

## Maria de Lourdes Pintasilgo



Ter poder, ainda que efêmero e não ser do poder são situações que se podem sobrepor, sem que por isso se confundam. Maria de Lourdes Pintasilgo foi um caso desses, e extremo. Não desempenha, agora nenhum cargo oficial, movimentando-se apenas «no campo das ideias e da experimentação social», como ela diz, mas não renunciou ao projecto em que acredita nem abrandou o ritmo da sua natureza. Mal teve tempo de dizer a sua palavra, no tempo contado de noventa dias, que se demorou no Governo. Bantu, no entanto, a alguma distância, para que as espadas se desembalsassem, prontas a cair. Devem ter pressentido quem ela era, o que não traduz sequer perspicácia. Foi a diferença que a traiu. Não reproduzia discursos arqueológicos, tinha o seu. Que feiticeira é esta? De que terra vem?, interrogavam-se. Alguns desatinaram de tal maneira que perderam a compostura, atavismo do mundo deles. Assumiram à perfeição o papel de «maus» do cinema, com quem o espectador não se identifica e que, pelo contrário, até embirra a deseja ver receber o castigo merecido. No total descontrolo moveram-lhe perseguições, mas ela manteve-se calma, no meio da tempestade que faiscava em torno de si, o que os exasperou ainda mais.

Hoje, Maria de Lourdes Pintasilgo, sem que os ânimos tenham serenado (de todo) em relação a si, derrama conselhos em Belém, paralelamente com outros afazeres, do domínio cultural e científico, que cumpre nos grupos internacionais de que faz parte. Investiga e escreve: ainda recentemente terminou o capítulo para um livro, prestes a sair nos Estados Unidos, sobre a mulher do nosso tempo. É uma entre as mulheres de setenta países que participam nessa obra. «O meu texto põe em causa todos os dados dominantes da civilização actual que se traduzem no empobrecimento, cada vez maior, de certos países enquanto outros enriquecem à sua custa, na corrida aos armamentos, no facto das iniciativas locais e nacionais ficarem dependentes das grandes potências.»

### Mudar

Tem estudado, com afincos e

alguma paixão, as relações entre as comunidades culturais da África, Europa e do Mundo Árabe — três mundos que conviveram estritamente, ao longo da história, através do eixo que foi o Mediterrâneo.

«Essas relações explicam muitas das atitudes que impedem o diálogo entre Norte e Sul. Evidentemente que existem clivagens entre os países produtores de petróleo e os que o não são, ainda que todos estejam assinalados no mapa do hemisfério sul. Com excepção da Nigéria todos os países africanos compram petróleo e alguns do Mundo Árabe não o possuem... Pode-se colocar esta interrogação: como são possíveis as trocas entre esses dois universos do Sul? Interessa, também, investigar que motivos de ordem cultural afastam os países uns dos outros.»

Que resultados práticos se tiram disso? Recomendações

aos Estados, conselhos que, certamente, os deixam indiferentes. Ouvir conselhos não custa o que custa é mudar. «Há que recusar a abundância como condição de vida e a acumulação como único fim.»

Um olá e um sorriso cristalino, como a mesa de vidro da sala onde nos sentámos, acolhimento que me soube bem. (Reparo: nos sofás de raminhos, nas pombas de cerâmica, nos panos bordados, nas flores tulipas e orquídeas, nas plantas, muitas, esse conjunto de sinais reveladores do dedo feminino nos mais pequenos detalhes da sua casa espaçosa).

«As mulheres têm na mão as alavancas da transformação do mundo sobretudo se souberem agir nas zonas de actividade em que estão envolvidas, tais como ensino...» Mulheres que tecem o seu casulo. Rede? «A palavra provém do mundo anglo-saxónico e utiliza-se no intuito de fugir aos termos, gastos e banalizados, como organização, movimento e associação. Por outro lado, rede significa elasticidade, o contrário das organizações masculinas, marcadas por um poderoso sentido de hierarquia.»

Tecer implica um plano, não se tece sem mais nada, uma rede de gente. «Claro que envolve um projecto de sociedade alternativa. A vida nos últimos anos é tão complicada e difícil que, ou nos fechamos num universo imaginário, ou temos de começar a inventar outro viver. Não podemos continuar a dizer que a vida é assim e que tudo se resolve com a alternância dos grupos políticos.»

Na óptica dos movimentos das mulheres, autônomos de qualquer poder, é preciso que as mudanças se operem, com carácter de radicalidade de modo a que as coisas se transformem, de facto.

«É insuportável a maneira como se vive: a escravidão do consumo, a agressividade que se respira por toda a parte, a falta de espaço que faz com que as relações familiares se degradem... Os movimentos de mulheres recusam esse mundo organizado e controlado, onde há um só modo de pensar, uma só verdade, mesmo quando as nações se dizem democráticas e pluralistas. Tudo se explica ao nível do racional. Só quem sabe dominar a razão, e dominá-la, segundo regras bem definidas, tem verdadeiramente acesso a esse mundo. E de resto, o valor todo poderoso da razão que sustém em termos de categorias filosóficas esse mundo que os novos feminismos recusam.»

**Únicos**

Em nome das mulheres, Maria de Lourdes Pintasilgo, propõe outro estilo de vida, outros valores, outros critérios que embora «dispersos e anárquicos» ganham corpo e coerência. Mas é ou não verdade que essas propostas esbarram contra a força dos modelos que se querem únicos?

«Sim, os modelos impostos pela ideologia industrialista dominante. Na acepção hoje corrente, industrialismo é a posição ideológica subjacente ao tipo de desenvolvimento que existe no hemisfério Norte, tanto nos países capitalistas como no países chamados de socialistas. Os novos movimentos de mulheres recusam tal mundo dominado pela lógica cartesiana e onde a abstracção é o refúgio de todas as alienações. Com um pouco de imaginação não se poderá furar a ordem e o geometrismo?»

Este tema, a recusa das mulheres, foi dissecado no livro



Um daqueles sorrisos que desarmam qualquer pessoa

«Novos Feminismos» que Maria de Lourdes Pintasilgo, publicou em França em 1980, já depois de ter saído do Governo («Não quis que fosse antes para não porem publicidade à minha pessoa») e que, só agora, há cerca de dois meses, surgiu em língua portuguesa. Cingido ao texto inicial, resultante de uma série de conferências que proferiu, na Faculdade de Teologia e Ciências Religiosas do Instituto Católico de Paris, em Fevereiro e Março de 1979.

«O director da Faculdade propôs-me, até porque conhecia as minhas ideias, falar sobre os novos feminismos» (Reparo: na estante, onde Maria de Lourdes Pintasilgo e o Papa se cumprimentam, mutuamente, em fotografia colorida).

Ainda no plano das recusas

afirma que os novos movimentos de mulheres rejeitam a «tecnocracia e o autoritarismo». Que anseiam por uma vida mais «artesanal, simples e rítmica». Posição semelhante defende Roger Garaudy no seu livro «Para a Libertação da Mulher», onde aliás se refere a Maria de Lourdes Pintasilgo. Também ele, curiosamente sendo homem, condena «a ordem masculina» com a sua racionalização programada para «a eficácia e o crescimento». De acordo com o filósofo francês o exército e o Estado pilares dessa ordem masculina destroem e sufocam «a autonomia da pessoa humana».

Por considerarem que tudo tem remédio as mulheres decidiram tecer as malhas de uma rede, não com a intenção de Penélope, obsecada com o re-

gresso de Ulisses e a navegação do mar. Efectivamente, estão em praias e portos, à espera de um barco, sem bandeiras, que traga gente capaz de falar outra linguagem, renovadora do mundo entorpecido.

«Acho que as pessoas necessitam de espaço para pensar, para andar. Fizem as cidades e depois estas fizeram-nos a nós. O materialismo, hoje, impõe as grandes massas e o egoísmo. Somente apresenta saídas materiais: comprar coisas, entrar no circuito do consumo, ter o apetite do supérfluo. O consumo não é apenas manipulação das economias, mas também escape que cada um encontra à opressão que sente».

E o trabalho, a produção, o deus das civilizações industrializadas?

«Falam de crise económica. É preciso que se invista mais, que se trabalhe mais. Estamos ainda, no esquema da quantidade. Ora, o trabalho deve reflectir a nossa capacidade criadora, deve ter um sentido. Ao fatalismo dos circuitos económicos dominantes, os novos movimentos de mulheres opõem a criação espontânea e artesanal, o gosto por um certo estilo de austeridade, a percepção de que a qualidade vale mais do que a quantidade, de que o menos é por vezes mais».

O seu desabafo não significa desilusão perante a política. Muito menos o nihilismo de uma intelectual, olhando seu umbigo. Trata-se, antes, de uma crença muito profunda na capacidade das mulheres, antídoto aos critérios economicistas que regem as sociedades, elaborados, como diz Roger Garaudy «por uma metade, a metade masculina da sociedade». A essa ordem masculina que reina há milénios.

«Para mim (sustenta Maria de Lourdes Pintasilgo) a política é a dimensão da vida toda. A política que não é a de gestão, no topo da coisa pública. Mesmo neste plano penso que a maior parte dos nossos dirigentes políticos estão muito longe de saber orientar a arte de gerir, com vista à satisfação das necessidades básicas de todos.»  
Mesmo os de esquerda?

«Tivemos um periodo muito curto do PS sozinho no Governo mas não se pode invocar o socialismo e ao mesmo tempo dizer que o mete na gaveta. Com isto também não quero que se pense que eu considero o socialismo como uma fórmula mágica...»

Solta

A libertação da palavra é outra das questões abordadas em «Novos Feminismos». Há mulheres que falam com silêncios e as que falam de mais—porquê? eis a tese.

«Através da literatura francesa, apercebi-me que as mulheres preconizam uma linguagem mais solta, talvez uma palavra nova. Uma palavra mais perto da vida tal qual ela é e que representa um enriquecimento para a comunicação entre as pessoas. Quanto mais perto se está da vida mais fácil se torna o acordo, o consenso, a convergência. Uma linguagem abstracta carrega sempre uma dose, rígida de doutrina, o que gera divisões e conflitos. No código do mutismo, sobretudo em certas sociedades rurais, todo o corpo é lugar de linguagem. A palavra contida é suspeita e ameaça. De que falam as mulheres quando quebram o silêncio (individualmente ou como arma social?). Diz-se, facilmente, que elas tagarelam. Tanto numa situação como noutra disfarçam o seu isolamento. E a tagarellice dos políticos?»

A palavra de Maria de Lourdes Pintasilgo sobressaiu, nitidamente, no discurso monocórdico dos políticos. Introduziu frescura e poesia, embora tivesse de certa maneira, jogado as suas rugas. Concedida?

«Paga-se sempre um preço quando se recorre a uma linguagem diferente. Ainda está por provar se parte da agressividade manifestada contra mim por certos grupos, onde domina o discurso masculino, não tinha a ver com a minha maneira de falar. Talvez eu conciliasse, porque não? Quando se fala uma língua estrangeira que os outros desconhecem tem de se dar, por vezes, um lamiré na lingua deles.»

Cedência, então? (Reparo: num ligeiro sobressalto, furtivo e tenso).

«Entendo que não serve de nada falar chinês num grupo que não sabe essa lingua. A minha preocupação era que os outros me escutassem. Em política convém falar a linguagem das coisas políticas. Joguei, de facto, as regras do jogo mas somente aquelas que não eram destituídas de nobreza. Joguei-as até ao fundo e voltaria a jogá-las.»

E a ruptura, com que se identifica no livro?

«As rupturas nunca podem ser feitas de maneira absoluta, de outra forma não há avanços. Volto sempre ao tema: há que utilizar a linguagem que o interlocutor conhece.»

Maria de Lourdes Pintasilgo garante ter-se registado um salto na mentalidade feminina portuguesa. Ao lançar o fio para que a rede se urdisse, tocando diversas regiões e classes sociais, verificou que as mulheres perderam o medo de dizer o que pensam. Começam a exprimir-se, umas vezes atabalhoadamente, outras com mimetismo.

«Pelo que me foi dado observar a palavra das mulheres deve-se à sua tomada de consciência face ao clima aventureirista e oportunista que certas forças, empenhadas em destruir a esperança têm criado.»

Indício de esperança é também a forte presença da mulher na literatura portuguesa. Há novidade nesse fenómeno. Elas mergulham, mais fundo, no enigma dos oceanos, percorrem labirintos intrincados e cheios de armadilhas, rejeitam o superficial, ainda que mascarado de grandes concepções acerca da vida.

«Acho significativo que a literatura feminina tenha desvendado a vulnerabilidade das mulheres. É espantoso que as mulheres recusem dar foros de realidade à ficção e se inclinem, muito mais, para a expressão literária em que o imaginário se afirma como tal. Julgo que isto é soltar as forças escondidas — expor a nossa vulnerabilidade enquanto seres humanos. É dizer que não somos pedras nem torres de marfim. Não sei se,

por outro lado, não estamos perante uma tendência em que a própria semântica se alterou.»

Membro do Movimento Internacional das Mulheres Cristãs (Graal), Maria de Lourdes Pintasilgo, no seu livro, denuncia a excomunhão da mulher na sociedade judaica-cristã. Sociedade que a tinha «ora, como tola, ora como perigo potencial para o homem que é o centro da moral e do direito e, no limite, da sua salvação». Contudo, também insiste em que não há revolução feminista sem Deus. Como encaixa Deus na teia do seu pensamento?

«Só podemos pensar Deus, isto é absurdo, por analogia, invocando o princípio da alteridade. No limite do conhecimento do outro está Deus...»

O que é Deus?  
«O coração do mundo, do Cosmos. Não está além ou acima de. Está dentro.»

Por azar ou sorte, nunca me cruzei com Deus. Os nossos itinerários eram incompatíveis, daí o desencontro. Evito o pântano desta linguagem, que nada me diz, e deslizo para um terreno onde me sinto mais segura. Quanto ao marxismo, que dizer?

«É um instrumento indispensável para a compreensão do mundo, tal como qualquer outra corrente. Para mim Marx funciona com um adquirido, assim como Freud e Einstein. Nenhum intelectual, de hoje, pode ignorar estes três pensadores.»

Profetas

Algumas mulheres semearam tumultos nas filosofias das sociedades que as tiveram como



A sua palavra irritou a «ordem» masculina...



A «rede» que se tece...

contemporâneas e que nunca as compreenderam. Virginia Wolf, Lou Andrea Salomé, Rosa Luxemburgo são nomes, entre outros, que Maria de Lourdes Pintasilgo menciona, sem esquecer as anónimas sufragistas que se bateram nas ruas pelos seus direitos pisados.

«Houve realmente, na viragem do século, uma elite de mulheres europeias, profetas de novas formas que, através dos seus escritos, puseram em questão os modelos existentes. Eram muito avançadas para a sua época. No caso de Lou Salomé, quanto a mim, não foram as relações privilegiadas que manteve com Nietzsche, Rilke e Freud, os motores do seu lançamento público. O mérito, foi apenas, seu.»

Mulheres, umas mais que outras, que desprezaram as instituições. A família sagrada, núcleo, à volta de que tudo gira, com o chefe, no centro — uma delas.

«Sacralizou-se a família como se ela tivesse existido sempre na forma pai, mãe e filhos. A família nuclear é um produto da industrialização. Tem pouco mais de um século. Nas sociedades, mais antigas, a família alargava-se aos colaterais. Depois, os métodos contraceptivos e o controlo dos nascimentos também introduziram uma modificação radical no conceito de família.»

E a relação homem-mulher acasalados?

«Parece-me que deve ser pensada em novos moldes, para já a mulher deve assumir o seu corpo, para além do acto da procriação. E há ainda que repensar o espaço. Julgo que a excessiva proximidade prejudica as relações, o entendimento. Como garantir que dois

seres, vivendo lado a lado, num mesmo espaço, geralmente pequeno, possam permanecer novos um para o outro? Como fazer juntos a travessia da vida, sem rotina? Os defensores da família sempre admitiram que os homens tivessem uma vida dupla e que a mulher aceitasse, alegremente, esse estado de coisas. Era preciso que a hipocrisia familiar cobrisse os desmandos masculinos...»

### Espaço

Espaço, para Maria de Lourdes Pintasilgo, é mais de desembarque para o tal projecto de vida. Princípio de uma outra «ordem».

«Estou na linha dos sociólogos e antropólogos que preconizam uma contracultura, como Alain Touraine. Eles propõem a forma monástica de vida. Cada pessoa teria uma cela para si, o espaço mínimo

para respirar, pensar, ser. E haveria também um espaço comum onde (todos os que vissem juntos) conviveriam sem atropelos de gerações.»

Com 23 anos, Maria de Lourdes Pintasilgo terminou o curso de Engenharia Química. Obstinação, em provar que as «mulheres eram capazes de fazer o mesmo que os homens», preferiu seguir uma carreira tradicionalmente tida como de homem. Letras nem pensar, embora as médias de dezassete e dezoito conquistadas no liceu, lhe proporcionassem uma confortável segurança, perante qualquer opção. Mas não foi só o desafio aos homens que pesou na sua escolha. Os problemas sociais seduziam-na e «o trabalho fabril seria a maneira de se aproximar, mais directamente, da condição operária». Mas não diluiu a sua personalidade de mulher num mundo exclusivo dos homens. Nada disso, provavelmente ate aprendeu, nos confrontos inevitáveis, a ser mais mulher.

(Reparo: na sua saia escocesa, no timbre da sua voz, no arranjo dos cabelos e do rosto, na feminilidade dos seus gestos.)

«Homem e mulher são realidades completamente outras. Duas formas irreduzíveis de ser humano. Unissexo não entra aqui. O que é nivelador destrói a identidade. Já a ciência psicanalítica disse da radical diferença entre homem e mulher». Dotada de um espírito em que a lógica não anula o sentimento e a intuição, tanto se sente à vontade a manejar «dossiers» áridos como a lidar com utopias e sonhos. «As ideias prendem-me, mais pela beleza e grau de ética que comportam, que pela lógica». As naturezas rebeldes e revolucionárias moldam-se nestes parâmetros.

«O exercício da razão, sobre as coisas, pode esquematizar excessivamente a vida e levar ao corte das raízes com a realidade. Reduz tudo a uma relação de causa e efeito, quando há múltiplas causas e múltiplos efeitos.»

Esta troca desconcertante de palavras, a minha e a dela, permitiu-me deduzir que ambas (uma com Deus e outra sem ele) comportam fragmentos de um novo tecido social que se desenha lentamente, ao ritmo do bicho-da-seda. Tal como o pontilho cruz do avental que Maria de Lourdes Pintasilgo está a bordar e que ela, sem complexos (de quê?), me mostrou, na sua sala de trabalho, à mistura com «dossiers», livros e apontamentos. «Sabe o que mais gosto de fazer, em férias? Bordar e conversar.» Disse com um daqueles sorrisos que desarmam qualquer pessoa.

Lourdes Fêria

Cuidar o Futuro

